

# Cardoso sai do PMDB se der 5 anos

O senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) já marcou data para sair do PMDB, no momento em que a Constituinte aprovar cinco anos de mandato para Sarney. Neste caso, pretende levar junto os senadores Mário Covas e Severo Gomes, além do ex-governador Franco Montoro. "Sou o líder do Senado, tenho conversado com a bancada do PMDB; até hoje a maioria respaldou as minhas posições. Acho que a ruptura com o governo Sarney deve ser proclamada já, de imediato. No momento em que for reiterada essa posição cincoanista, o PMDB para mim se esgotou. Porque ele terá deixado de cumprir aquilo que para mim é fundamental neste momento político — não é uma questão programática, mas sim um sentido político mesmo."

Segundo o senador, o governo Sarney transformou o período transitório em permanente, e o que era mudança, avanço, em volta ao passado. Então, se o PMDB continuar cúmplice disso, ou ainda, se os ministros peemedebistas do governo tomarem posição a favor dos cinco anos, o senador sente que não terá nada mais que fazer no partido.

"Na minha dissensão com o PMDB — e falo pela maioria dos senadores com os quais conversei —, nós não estamos dispostos a respaldar mais o presidente Sarney. Até agora houve uma situação de ambigüidade, agora é uma situação de ruptura, vamos assumir uma posição absolutamente crítica e de independência."

No caso de São Paulo, disse, a sua união com Mário Covas, Montoro, Severo é um fator de agregação indispensável. "No momento em que nos dispersamos, nós estaremos inviabilizando a criação de um instrumento político de transformação."

## Ulysses, o responsável

Fernando Henrique não exclui a hipótese de uma aliança em torno da candidatura Leonel Brizola à Presidência. "Quem exclui definitivamente alguma coisa em política está equivocado. Um partido que já nasce excluindo nasce mal."

O senador responsabiliza o deputado Ulysses Guimarães pela deterioração do partido, mas procura desculpá-lo afirmando que, em vez de funcionar como instrumento da nova ordem, foi absorvido pela antiga, empurrado por uma enorme massa de interesses. "O PMDB se refestelou nas poltronas do Estado e passou a fazer o contrário, a ser o partido que dentro do Estado foi sendo absorvido por ele, e, portanto, virou tradicional. Houve aí uma aliança que é suicida: PMDB e governo. Vamos especificar: Sarney e Ulysses. Essa foi uma aliança de duas pessoas que na verdade estavam em pugna, mas esconderam essa pugna, porque ambos calcularam o que era mais vantajoso, seja para a transição, como pretexto ou moti-

vação, seja para os interesses políticos das duas partes.

"O fato de termos deixado de convocar a convenção nacional prejudicou o PMDB e, se tivéssemos convocado, o partido não estaria sofrendo um movimento seccionista. Não se pode tapar o sol com a peneira — o PMDB está hoje diante de um movimento de criação de outro partido que poderia ter sido evitado se houvesse uma discussão democrática."

## Pressão sobre a Constituinte

Segundo Fernando Henrique, muitos governadores pressionaram os votos na Constituinte em favor do presidencialismo. "Foi a mais sórdida campanha de pressão que já houve aqui. Mas não foi feita essa campanha — é preciso reafirmar — só pelo governo, mas também pelos governadores do PMDB."

O senador prefere não incluir o governador Orestes Quércia nessa campanha. "Não sei de nenhum parlamentar que tenha sofrido pressão do governador" — mas concorda com o fato de que Quércia é um dos maiores beneficiários da decisão da Constituinte. "Alguns dos seus amigos devem ter votado no presidencialismo para ajudá-lo, mas até aí tudo bem, pois o reino político é o das pressões." Porém, o governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, não foi poupado: "Ele foi muito ativo aqui em Brasília e sua bancada mudou efetivamente o voto".

Fernando Henrique considera que o PT e o PDT, ao aderirem ao voto dos presidencialistas, cometeram um erro político. "A responsabilidade desses dois partidos é política e não numérica. Insistimos com eles que seria um jogo de dominó. Se ganhasse o presidencialismo, ganhariam os cinco anos, e eles não acreditaram. Além disso, insistiram em votar o mandato no mesmo dia, quando sabiam que iriam perder."

## Cultura autoritária

Para o senador, o que aprovou o presidencialismo foi o interesse do Palácio de ganhar, não foi nem o PT nem o PDT, que não tinham maioria. E sim simplesmente a manutenção dessa "cultura autoritária" do brasileiro que levou a isso. "A emenda que foi aprovada e deformada é péssima, e todo mundo votou nela, votou sem ler. Votou por quê? Para servir ao presidente."

A seu ver a Constituinte, a Constituição, é cheia de corporativismo, e esse elemento prevaleceu de novo. "O nosso sistema presidencialista é a espinha dorsal da fisiologia e do burocratismo. Isso ganhou, e às vezes se acopla ao caudilhismo. Essa máquina, o caudilho tenta com o chicote levá-la para diante e ele quebra a cara e aí é golpe, ou choque de instituições."

E seria melhor um governo par-

lamentarista com esse PMDB fisiológico? "Em primeiro lugar, no sistema de gabinete pode-se dissolver a câmara. E mais: quem governou o PMDB foi um melê e o partido entrou como corpo principal e nesse melê foi cozido, frito e voltou à moda antiga. O PMDB se liquidou no processo. Além disso, a emenda presidencialista aprovada é um monstro, tem algumas instituições parlamentares e cria um legislativo muito forte capaz de paralisar o governo, mas sem condições de resolver as crises. Vai levar a uma crise. Não sei para quando, mas certamente quando houver um choque entre o presidente e o Legislativo. Entre nós e o Brizola, por exemplo."

## Ameaça de golpe

Para o senador, o golpe não é o problema do Brasil, mas o sistema autoritário, que não depende só do golpe. "Aqui nós não temos um golpe e o sistema continua autoritário. Ele deu liberdade em termos de opinião, ninguém está preso, mas o sistema decisório é autoritário porque não passa pelo partido, não passa pelo parlamento, não passa pela crítica da sociedade."

Para ele, a recente "ameaça de intervenção militar" não existiu. Ao contrário, Fernando Henrique acredita que é o governo que se utiliza dos militares, fazendo de conta que vai haver golpe, sem consultá-los. "Mas, para o meu gosto, os ministros militares falaram demais, estimulados pelo presidente da República." Quem inventou a tese dos cinco anos, disse, não foram os militares. "Eles eventualmente são pelos cinco anos e pelo presidencialismo, mas eu não ouvi nenhuma ameaça de ministros militares."

## O País, ingovernável

O futuro do País preocupa o senador. Para ele, o principal problema é a ingovernabilidade. No seu entender, "esse governo tem escassas possibilidades de governar ou seja, de se organizar e ter um comando respeitado". Mas não acha provável uma intervenção militar no processo político. "A sociedade brasileira já desenvolveu mecanismos bastante amplos de negociação, em que numa certa altura as pessoas param para pensar."

Nem mesmo o Centrão foi ameaça para avanços da Constituinte. O senador lembra que o grupo se uniu em dois momentos: para mudar o regimento e para aprovar o mandato e o sistema de governo. Explica que, se se cotejar o texto da Comissão de Sistematização, o texto do Centrão e o resultado final, pode-se notar que quase tudo voltou à forma da Comissão de Sistematização. "Houve mudanças, e algumas para melhor: se permitiu um debate e melhorou. Não creio que tenha servido de freio real a nenhuma mudança."



Para Fernando Henrique, a falta de discussão democrática levou o PMDB a se dividir

# Derzi acha senador ingênuo

## AGÊNCIA ESTADO

"O senador Fernando Henrique Cardoso está completamente desmoralizado para criticar o PMDB, pois, além de se tornar uma peça descartada pelo PMDB paulista, ele foi o principal responsável pela indicação dos envolvidos no caso Cosipa". A afirmação foi feita, em Campo Grande, pelo líder do governo no Congresso, Saldanha Rachid Derzi, que considera o senador "político inexperiente que peca pela ingenuidade".

No entanto, Derzi acredita em razões mais fortes que possam levar Fernando Henrique a sair do partido: "A ambição de Quércia está conseguindo se impor em São Paulo. Com isso, a turma do Fernando — completamente discriminada — está à procura de novos espaços".

## ÚLTIMA TENTATIVA

O vice-líder do PMDB na Constituinte, deputado Euclides Scalco (PMDB-PR), disse ontem, em Curitiba, que "ainda é possível resgatar o partido, resgatar sua história e seu programa", mas garantiu que será a "última tentativa". "Se até o final da Constituinte não conseguirmos nada, então teremos que partir para outras alternativas." Mais de 80 parlamentares estão dispostos a formar um bloco independente para assumir esta tarefa, assegurou.

Segundo Scalco, ainda não se pode falar em "debandada geral do PMDB", justificando a saída dos parlamentares mineiros, liderados por Pimenta da Veiga. "Eles saíram por uma questão regional, eles não tinham outra alternativa porque o governador Newton Cardoso não lhes dava mais espaço nem legenda para as próximas eleições."

O bloco independente começa a ser formado já na próxima semana. Para cuidar do assunto, o senador José Richa (PMDB-PR), passou a manhã de sábado em Curitiba para informar-se sobre a saída de peemedebistas, que começa a ser articulada nas bases do partido no estado, e que deverá perder alguns prefeitos ainda esta semana.

Fontes ligadas ao PMDB do Paraná alertam para os riscos de uma "destruição na Constituinte", o que ocorreria com a saída dos principais líderes do partido na Constituinte. O bloco independente, assim, tentará resistir até o final dos trabalhos, "para evitar manobras do governo no sentido de suprimir avanços que já foram conseguidos, como a licença-maternidade e outros". Há quem garanta que o consultor-geral da República, Saulo Ramos, "já está até escrevendo as emendas supressivas".